

Enigmas

CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

selo

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO, CRÔNICA OU POEMA

Frei Francisco, por Ademir Pascale, pág. 05
Clones, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 13
Hefesto e sua maldição, por Karla D. Martins, pág. 16
Flutuar no amor, por Marinalva Mabel Camargo Moura, pág. 20
Sentir, por Marinalva Mabel Camargo Moura, pág. 22
Um desejo proibido, por Roberto Schima, pág. 25
Monin, por Rosch Ehazo Edouhou Nyoka, pág. 30
Conheça outros títulos da coleção, pág. 33

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima
www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



“É verdade. — disse Sir Thomas — este é um dos grandes segredos da vida.

Hoje em dia, a maioria das pessoas morrem de uma espécie de concenso servil, e, quando já é tarde demais, descobrem que as únicas coisas que não nos arrependemos são nossos erros.”

— Oscar Wilde — O Retrato de Dorian Gray

The background is a dark, blue-tinted photograph of a forest. In the foreground, a person is wearing a dark, hooded cloak, with their face obscured by the hood. The text is overlaid on the upper part of the image.

APRESENTAMOS O CONTO
FREI FRANÇOIS

Por Ademir Pascale

Paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Autor do romance "O Clube de leitura de Edgar Allan Poe", organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Contato: ademirpascale@gmail.com

Paris, inverno de 1667.

Meu nome é Piedro Tassi, mas me chamavam de “o caçador”. Isso há 43 anos, quando minha virilidade ultrapassava a de dois homens saudáveis. Hoje sou apenas um velho, com mais de seis décadas de experiências. Apenas um velho doente e solitário que recorda os bons tempos, que para alguns seriam os piores pesadelos já vivenciados. Sim, gostava daquela vida, afinal, achava que nada de mal poderia me acontecer, pois, quando somos jovens e fortes, somos inatingíveis. Mero engano, pois esse pensamento quase custou minha vida ou, melhor dizendo, minha alma. Perdi quase todos os movimentos do braço esquerdo. Uma muleta auxilia os meus passos vagarosos, pois sinto dormência constante nas pernas. Minha memória continua ativa, minha visão turvada permanece atenta aos estranhos movimentos e o meu braço direito é suficientemente forte para erguer a pena com a qual escrevo estas tortuosas linhas, que talvez sejam as últimas deste velho e pobre homem. Sou lastimoso? Sim, confesso. Mas o que você esperaria de um homem como eu? É verdade, você ainda não conhece minha história, mas garanto que, ao chegar ao final deste relato, concordará comigo e, quem sabe, sentirá pena.

Como já disse antes, fui um homem que esbanjava saúde e por onde passava as mulheres suspiravam. Os homens? Sentiam inveja! E os que não possuíam alma temiam a simples pronúncia do meu nome. Mas algo deu errado, e alguma coisa fugiu do equilíbrio em que tanto acreditava: que o bem sempre venceria o mal.

Tudo começou no ano de 1624, quando visitei uma pequena cidade situada no norte da França, cujo nome não citarei, pois, além de estar em ruínas, me causa temor em despertar o demônio. Apesar de ser um lugar rústico, era muito agradável. A maioria dos que ali viviam tinham algum grau de consanguinidade. Vez ou outra surgia um forasteiro como eu ou alguns frades e comerciantes que pernoitavam em pequenas e baratas acomodações. Os frades permaneciam no velho mosteiro próximo da cidade, um lugar

sombrio e chamativo, principalmente para aventureiros. Fiz o possível para encontrar um quarto longe do centro comercial, pois o cheiro de peixe e carniça era insuportável. A população com certeza já estava acostumada, pois o comércio de pescado era o destaque daquele lugar que sobrevivia com sua venda. Lembro com perfeição que, apesar de simples e pequeno, o quarto onde fiquei hospedado por alguns dias era quente e aconchegante, além de ficar bem próximo do mosteiro. Uma excelente combinação, perfeita para um solitário caçador de aventuras. Sim, apesar da cobiça das mulheres, eu era um homem solitário, pois minha maior paixão sempre foi o sobrenatural. Confesso que sempre tive faro para lugares assombrados. E, quando passei por aquela cidade, apesar da aparência tranquila, algo me disse que encontraria acontecimentos anormais. A presença constante e nervosa de alguns frades, que perambulavam lá, denunciava tal fato. Com o passar dos dias, rumores começaram a surgir nas tabernas que frequentava. Pessoas diziam que um ser demoníaco estava na cidade. Poderia ser um simples boato, mas o fato é que, em questão de dias, três jovens garotas foram encontradas dilaceradas. Apresentavam sinais iguais de tortura em seus corpos. E o que mais me chamou a atenção: profundos ferimentos no lado esquerdo dos pescoços, semelhantes às mordidas de animais com poderosas mandíbulas. Pior ainda era que nenhuma delas ainda possuía sangue; estavam pálidas, parecendo que, além das mordidas, a fera também lhes sugara o líquido da vida, não deixando uma gota sequer em seus corpos. Eu sabia muito bem o que tinha causado aquela carnificina e lhe contarei resumidamente o que sei: em minha adolescência, tive um mestre... na realidade, foi meu pai adotivo, já falecido. Ele foi um dos maiores estudiosos do mundo sobre o ocultismo e o sobrenatural. Certa vez, me contou sobre um bruxo que evocou um poderoso demônio, e este trouxe consigo uma praga que teve origem nos confins do inferno, que, por algum motivo que desconhecia, acabou contaminando o próprio bruxo. Esse homem mudou drasticamente, passando a adotar hábitos estranhos. Entre eles, canibalismo e o prazer por beber sangue humano. Aqueles que não assassinava eram contaminados e passavam a adotar os mesmos hábitos do bruxo. Meu mestre os chamava de sanguessugas, sugadores de sangue, e, apesar de serem poucos, pois a maioria não suportava os ferimentos e acabava morrendo, os que

sobreviviam poderiam matar milhares de pessoas, pois apresentavam força sobre-humana. Meu mestre era sábio e, além da experiência com o ocultismo, tinha grandes conhecimentos de alquimia. Em poucos meses, conseguiu elaborar um elixir que poderia curar os contaminados recentemente. A combinação de ervas raras e minerais compostos causava reações diversas e a principal delas era a fraqueza constante nos membros do corpo, além de o curado passar a ser um morto-vivo, pois meu mestre tinha convicção de que os contaminados perdiam suas almas. Perdiam o brilho em seus olhos, que é o que distingue um homem vivo de todo o restante. E os sanguessugas não possuem esse brilho no olhar. Algo estranho, até mesmo louco. Se eu mesmo não tivesse visto esses monstros sugadores de sangue, não acreditaria.

Com certeza, o causador das mortes era um sanguessuga que se deleitava com o prazer em matar e tomar sangue. O que eu ainda não sabia era onde ele estava, mas a agitação dos frades me dizia que descobriria algo se visitasse o velho mosteiro.

Confesso que não foi difícil adentrar o lugar. Bastou-me apenas vestir trapos marrons, um cordão em torno do abdome e sandálias. Logo estava entre os frades que juraram voto de pobreza, mas que viviam às mil regalias e se alimentavam como porcos. Lembro com perfeição que me esforcei muito para não levantar suspeitas, pois seus hábitos eram bem diferentes dos meus, mas meu principal relato não são os seus métodos não convencionais, e sim o que aconteceu naquela tétrica noite. Quando todos apagaram as velas e foram dormir, resolvi perambular pelos cantos sombrios do velho mosteiro à procura de alguma pista do sanguessuga. Além de mim, mais alguém perambulava no local, e o que deveras me surpreendeu, eriçando por completo todos os pêlos do meu corpo, foi o estranho verso que aquele ser, quase num sussurro, sarcasticamente pronunciava. Eram *Os Versos da Morte*, escritos entre 1194 e 1197, e só descobri anos depois que o seu real autor fora um monge poeta que estivera séculos atrás naquele mosteiro, chamado Hélinand de Froidmont:

Os Versos da Morte – Hélinand de Froidmont

36

Se não há outra vida, mais vale
 Então deixar o campo livre
 Aos prazeres, e gozar sem remorsos.
 Viva então a situação de porco,
 Porque todo pecado é bom e belo!
 Se a virtude é um tesouro,
 Que farão estes monges então
 Que, por Deus, atormentam seus corpos,
 Que beberam o amargo a baldes cheios?
 Se está quite após a morte,
 Eles escolheram o mau posto
 Todos os da ordem de *Cister!*

37

Se Deus nada retribui, ele se vende
 Muito caro aos pobres monges brancos.
 Os monges gordos estão melhor aquinhoados,
 Eles rompem seus compromissos
 E fazem procissão, muitas vezes,
 Aos bons pedaços e aos bons leitos.
 Certamente, como São Paulo diz
 – Ele, de quem cada palavra é sentida –:
 “Suportar por Deus os tormentos
 No lugar de gozar a vida
 É a saída de um pobre de espírito,
 Se é tudo o que se espera”.

(...)

Nada conseguiu apagar esses versos de minha mente, pronunciados por aquele ser demoníaco. Voltando ao relato daquela noite, após pronunciar os versos profanos, o estranho notou minha presença e apertou o passo, indo para a biblioteca do mosteiro. Minha única vela não conseguia iluminar o imenso local e, apesar do meu esforço, não consegui localizar o maldito. Ao perceber minha frustração e desistência, quando dei as costas para voltar aos meus aposentos, ele selou as trevas com um intenso e demoníaco gargalhar. Naquela mesma noite, sem sono e na janela da minha cela, fiquei observando o cenário enevoado e gélido. Um vulto, mais uma vez, chamou minha atenção. Parecia o mesmo que me enlouquecia há alguns minutos. Apesar da névoa e da distância da minha cela até o pátio, a Lua cheia presenteou-me, revelando os traços daquele ser imundo: baixo, magro, arqueado e com as vestes de um frade. Mesmo sem ter plena certeza de que era ele o assassino, minha intuição dizia que sim, pois os frades eram proibidos de sair do mosteiro tarde da noite, ainda mais quando deveriam estar em seus aposentos. Receoso, tranquei a porta da minha cela. Esperei acordado até o amanhecer.

Infelizmente, não tive boas notícias naquela fria manhã, pois um frade descuidado deixara a porta da sua cela destrancada e acabou tendo o mesmo destino das três jovens dilaceradas. Na mesma manhã, descobri que ele não fora o primeiro assassinado no mosteiro, mas o quinto. Todos foram encontrados da mesma maneira: com profundas perfurações no lado direito do pescoço, os mesmos sinais de tortura e o sangue drenado de seus corpos.

Ao meio-dia os frades fizeram uma reunião, então aproveitei que todos estavam juntos e tentei identificar o suspeito da noite anterior. Os murmúrios nauseantes dos velhos frades tentavam me confundir, mas um entre eles, o único que não se infiltrou na prosa, deveras me chamou a atenção. Cabisbaixo e com o olhar cerrado, parecia falar sozinho; quem sabe uma prece, ou mesmo os versos profanos da morte... A estranha fisionomia: pálido, arqueado e magro, identificava aquele que vi na noite anterior. Sim, era ele! Aproximei-me de um frade e perguntei: “Amado Frater, você conhece aquele que

está logo adiante, cabisbaixo?” Ele disse: “Sim, claro, é o misterioso Frei François. Tenho pena dele, pois passou seis anos em peregrinação por toda a Romênia e dois enclausurado no mosteiro de Ahatoor na Transilvânia. Assim que retornou, foi recebido por esses acontecimentos demoníacos. Mas não repare, pois ele voltou bem diferente, misterioso e calado. Deve ter sido a longa jornada ou os longos anos que passou distante da França como um cenobita”.

Naquele momento, tive a plena convicção de que era ele o desgraçado sanguessuga, pois meu mestre dizia que na Romênia haviam muitos deles. E que o bruxo que evocara o demônio que trazia consigo a praga infernal residia na Transilvânia. Agora, bastava esperar mais uma noite. A fatídica...

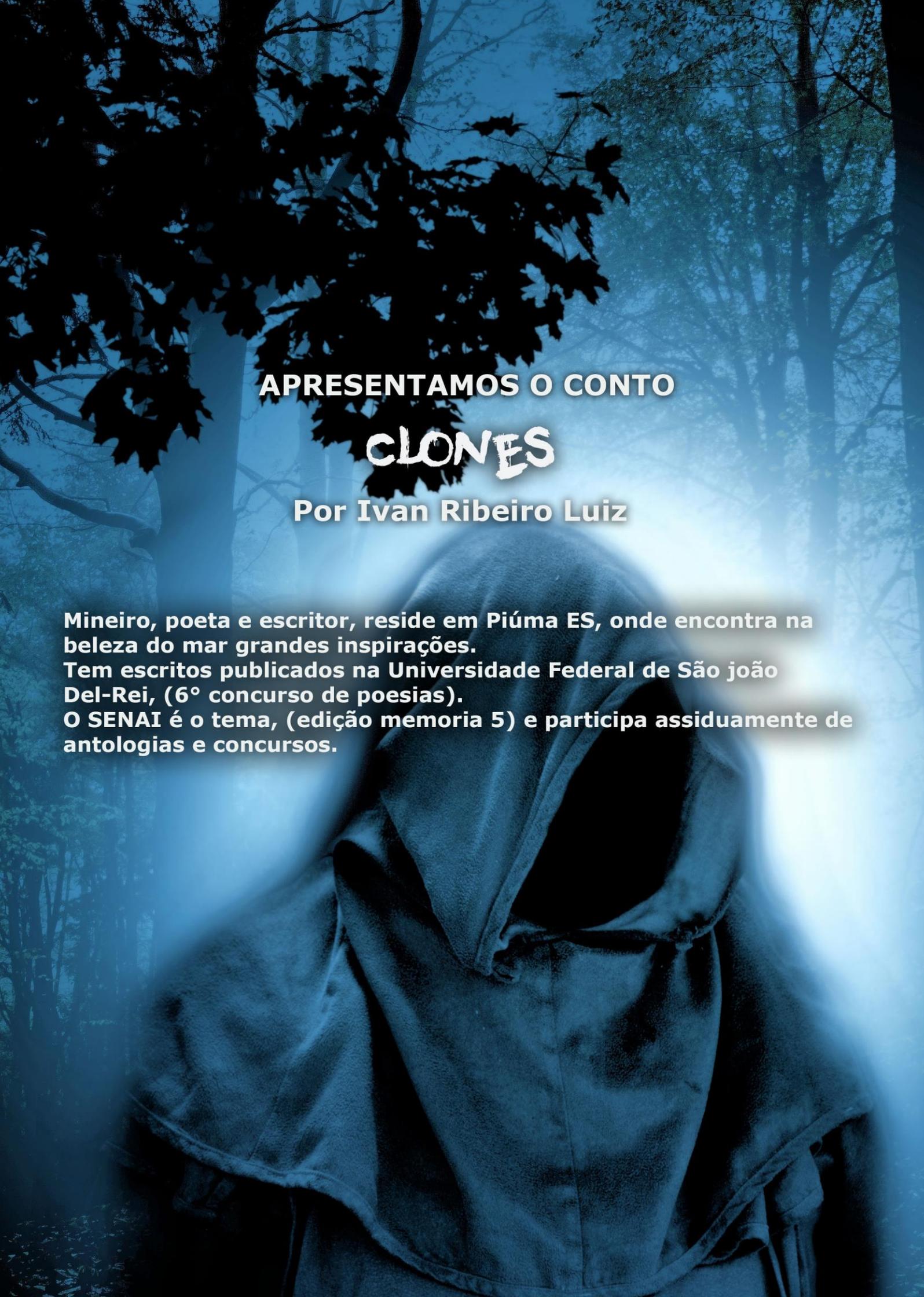
Já era quase meia-noite. Apesar de ser um experiente caçador, meu coração acelerava completamente sem controle. Minhas mãos estavam molhadas e trêmulas. Meus olhos vacilantes se confundiam com as sombras da noite. Uma adaga de prata que pertenceu ao meu mestre era minha única arma. Um frasco pela metade do poderoso e milagroso elixir era a minha garantia. Os minutos eram doloridos, nervosos e eternos. Apesar do intenso frio, as gotas de suor que respingavam da minha face diziam que eu estava vivo e acordado. Não era um pesadelo. Por mais incrível que pareça, eu gostava de sentir todas aquelas sensações que o medo provocava, de enfrentar o sobrenatural e de ver até quando minha resistência suportava. As velas apagadas denunciavam que todos os frades estavam em seus leitos. O vento sussurrava nas árvores do pátio e, como um animal, eu aguardava a minha demoníaca e poderosa presa. Com os dentes cerrados, olhos furiosos e punhos fechados, visualizei o assassino em flagrante. Apesar da frágil aparência, ele apresentava uma força hercúlea. Arrastava um corpo pelo pátio com facilidade. Sem permitir que notasse minha presença, segui seus passos e, no meio dos arvoredos, próximo de um lago, o festim diabólico iniciou-se: o sanguessuga que outrora fora chamado de Frei François acomodou-se de cócoras próximo de sua fácil presa e, enquanto pronunciava os versos profanos da morte, com suas poderosas garras, dilacerava o corpo de sua vítima, enquanto seu rosto estampava uma horrenda felicidade. A vítima, um obeso e velho frade, ainda estava viva, e seus gemidos intensificaram minha

fúria. Como uma fera, saltei por cima da criatura. Com um simples e humilhante gesto, ela me arremessou longe. Ao me levantar da queda, senti algumas costelas soltas, o que dificultava minha respiração, mas, ainda com agilidade, tirei minha adaga de prata da bainha e fui de encontro ao demônio. Mas um mero e fatal descuido acabou com minha vida. Tropecei nas raízes de uma árvore e, em segundos, a criatura estava em cima de mim, ferozmente mordendo meu pescoço e sugando meu sangue. Cravei minha adaga em seu peito e, mesmo agonizando, o demoníaco ser agarrou meu braço esquerdo e quebrou meus ossos em várias partes. A dor era gigantesca, mas a luta pela sobrevivência me auxiliou naquela noite. Perdi a conta de quantas vezes perfurei o corpo daquele ser, que, mesmo com a vida se esvaindo, fazia questão de gargalhar enquanto cravava suas garras em minha cintura. Como sou amante do silêncio, dei as costas para a ensanguentada e desmembrada criatura.

Tingido de sangue, deixei que meus passos vacilantes me levassem para fora do mosteiro. Tentei me afastar o máximo que pude e, sem perder tempo, bebi todo o elixir da pequena garrafa que trazia comigo, pois temia tornar-me um sanguessuga.

Sim, derrotei aquele poderoso demônio, mas sei que outros ainda caminham pela Terra. O elixir evitou que eu me transformasse em um monstro, mas suas reações me tornaram um homem fraco, forçando-me permanentemente a abandonar a vida de caçador. O braço que a criatura quebrou nunca mais se recuperou, e hoje o meu único temor é o de não saber se ainda possuo uma alma, pois o brilho em meus olhos não existe mais.



A blue-tinted photograph of a person wearing a hooded jacket, standing in a forest. The person's face is obscured by the hood. The background shows trees and foliage, creating a moody and atmospheric scene.

APRESENTAMOS O CONTO

CLONES

Por Ivan Ribeiro Luiz

Mineiro, poeta e escritor, reside em Piúma ES, onde encontra na beleza do mar grandes inspirações.

Tem escritos publicados na Universidade Federal de São João Del-Rei, (6º concurso de poesias).

O SENAI é o tema, (edição memória 5) e participa assiduamente de antologias e concursos.

Era agosto, que já tinha fama de um mês nefasto, onde as almas sedentas como algozes ficavam as espreitas de vítimas beócias, onde o único alívio era a noite que absorvia a ferocidade dos dias abrasadores.

Nuvens densas corriam afoitas sem direção, escondendo o sol preguiçosamente que já sabia que não compensava descortinar suas cortinas e gastar sua energia e luz, pois a neblina que surgia nas encostas dos montes, agraciava a natureza, em consideração as árvores infrutíferas e ressequidas que já tinham aclamado ao criador a agonia da estiagem que há tempos rondava, trazendo infortúnio e fome aos viventes.

Matilhas de cães apavorados latiam pelas esquinas das ruas, bandos de pássaros funestos chilreavam e revoadas de pombas arrulhavam nos telhados das casas veranistas, que com a crise que ditava as ordens e tempo seguindo seu curso, parecia ruínas esquecidas, que para não ocupar espaço ociosamente serviam de moradias e albergues para meliantes e andarilhos.

No cemitério local, coveiros com suas mãos tarimbadas e olhares cansados, não escondia o desânimo após escavar várias sepulturas, que só eram aliviados pela neblina branda que suavizava seus corpos suados e bem definidos pelo ofício que faziam.

Nas portas do céu, guardiões austeros com seus livros brilhantes que eram usados como agendas, não paravam de rabiscar nomes de almas recebidas com sorrisos e elogios pela passagem e ordens cumpridas com zelo o que foram atribuídas, enquanto outras davam para ver nitidamente a revolta nos olhares carrancudos e ao mesmo tempo vingativas vistas em suas faces de desengano, após serem negadas a ascensão aos degraus da escadaria cintilante.

Como o número incontável das estrelas que adornam o manto da noite eram conhecidas pelo nome, estes eram inexistentes ou camuflados para driblar o dador da vida, e por não terem suas denominações registradas no livro foram despachados ao ponto de origens, que as vezes formavam filas colossais que escondiam o firmamento.

Quando um coração apático e falido endurece, o ódio adquire a solidez do vidro e estilhaça afetando imensidões.

E como tudo tem uma razão de ser e o inexplicável não existe, uma legião de renegados desciam trazendo o rastro de terror e morte a procura de seus semideuses, não deixando de abranger todos que circulavam pelas vias esquecidas e a quarentena atribuída, onde raros ou loucos arriscavam abrir portas e janelas de suas moradias.



The background is a blue-tinted photograph of a forest. In the foreground, a person is wearing a dark, hooded garment, possibly a cloak or a heavy jacket, which is slightly out of focus. The trees in the background are silhouetted against a lighter blue sky, creating a mysterious and atmospheric setting.

APRESENTAMOS O CONTO
HEFESTO E SUA MALDIÇÃO

Por Karla D. Martins

Professora da Universidade Federal de Viçosa/História, pesquisadora de História das Religiões e religiosidades, coordenadora do grupo de pesquisa: Magia e Religião, esoterismo cristão. Escritora de Contos, poemas e pequenos textos.

Certa vez, Hefesto acordou na oficina do Olimpo e viu que ali havia realizado muitos trabalhos. Não eram como os de Hércules, nem mesmo feitos de Zeus, seu pai, mas eram tão importantes quanto os já realizados pelos deuses da plêiade. Trabalhos que sustentam vidas e animam a todos que deles dependem. Porém, vendo que tudo havia sido realizado com labor árduo e boa temperança, Hefesto resolveu sair à procura de aventuras. Estava determinado a fazer tudo novamente, mesmo que começando em pequenas atividades. Ardia em seu ser aquela vontade de ir, de seguir. Procurou Zeus para pedir seu degredo e o pai, então, disse: - Se fores, terás que penar como os filhos de Prometeu. Ele, então, não titubeou; olhou pela última vez nos olhos brilhantes do pai e desceu a lugares ermos, procurando algum recanto. Andou, andou pelas terras tristes e depois encontrou uma vila aonde decidiu ficar.

Hefesto preparou terrenos, plantou vinhas, falou com alguns homens, ajudou no que podia. Quando ficava colérico, era porque suas ações eram mal compreendidas, porém, sua capacidade de multiplicar tarefas era infinita. Deu-se um nome estranho: *Khatos*. Os homens não desconfiavam de sua procedência. Sua intenção era realizar, não importava quanto tempo ou quantos estivessem ao seu lado ou contra, simplesmente era fazer. No início, todos viam nele uma força que não sabiam explicar. Dotava-se do ânimo do *Tekthon* na prática do seu ofício, ou de um fazedor de bigorna dos tempos em que o ferro era o maior dos instrumentos à vida diária e à guerra. O reino aonde Hefesto estava havia sido invadido, certa vez, por forasteiros e quando lá se instalou não havia quase nada: terra castigada pela violência, mas a natureza exuberava em beleza e frescor que o animaram muito. Contemplava cada pássaro, folhagem, flor, coisa que não tinha experimentado tanto no Olimpo, já que vivia numa caverna vulcânica no sopé da montanha sagrada. Hefesto reuniu forças, montou oficina, preparou as ferramentas com a madeira e o metal que encontrava, organizou tudo que pôde. Ali, muitos afluíam, transitavam, iam e vinham, mas não ficavam com Hefesto. Prometiam a permanência, porém, era só aparecer uma grande tarefa que exigia sacrifício e pouco luxo que todos o deixavam. Hefesto sempre estava só e mesmo que o procurasse alguém, não ficava muito

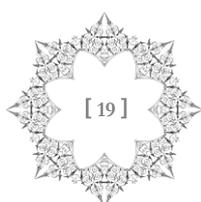
tempo. Passou a perceber o gênio humano e seus interesses miseráveis. Vendo que isso se tornara prática, Hefesto não quis mais confiar nos que prometiam a ele: ouvia, mas guardava o silêncio e seguia nas suas realizações.

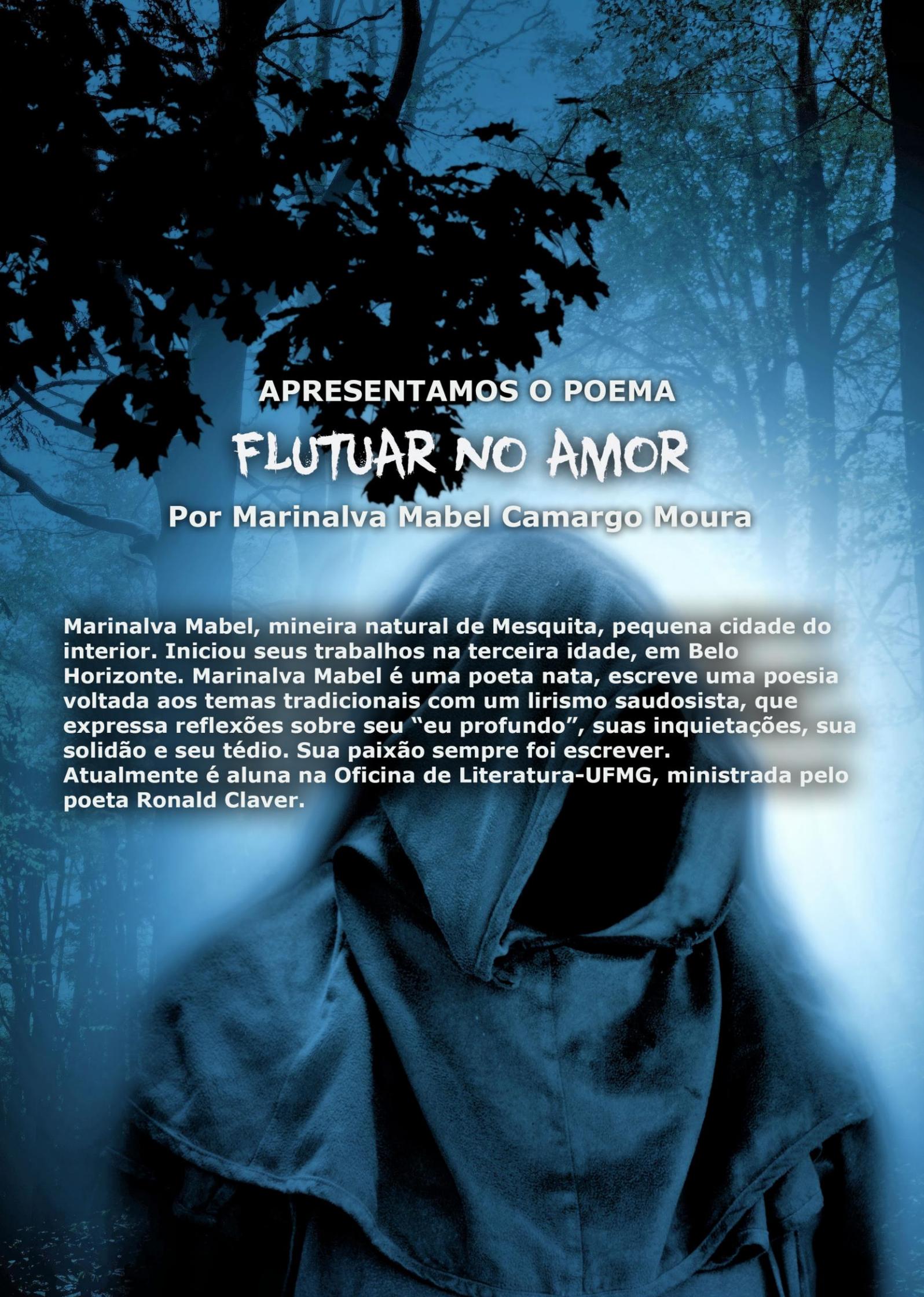
De suas mãos saíram casas, oficinas, pequenos coletores de água, condutores e tantas maravilhas que facilitavam a vida daquele lugar, melhoravam o cotidiano dos poucos habitantes e nutriam de esperança aquela terra esquecida. Porém, às vezes, sentia saudade do Olimpo, das benfazejas horas com os deuses e deusas, dos vinhos celestiais e do paparico dos sacerdotes dos templos com ritos infindáveis que irritavam até mesmo os deuses mais vaidosos. Com o tempo, Hefesto se acostumou à vida do vilarejo: até gostava de enganar as gentes imitando ser um humano normal, embora fosse um deus dos mais habilidosos. Hefesto, a cada dia, perdia o passado e pensava no presente, nas suas realizações. Aguçou os sentidos e reteve-se na experiência da forma densa da carne. Esqueceu que vinha do ventre das divindades e regozijou-se entre os seres de um dia, como Aristóteles se referia aos humanos. Uma vez, e única, viu uma moça regar uma planta, ficou algum tempo retido naquela imagem e sentiu uma rápida esperança que o tomou num assalto e no mesmo ímpeto se foi. Viu o que pôde, o que quis e o que não quis. A vida passou para esse deus/humano a quem os romanos deram o nome de Vulcano.

Hefesto, então, cansado e já velho, foi até um riacho ali perto de sua casa/oficina e se enfeitiçou nas águas translúcidas, não como Narciso, mas como alguém que vê a decrepitude. Ao contrário do jovem belo, Hefesto contemplava o tempo que passou e, como passara muito tempo ali, já se via como humano exausto. Lembrava das fornalhas do Olímpio, nas zonas mais baixas da montanha, de suas corujas de ouro e falcões encomendados por Zeus e Hera. Assim, Hefesto viu que a vida passava na humanidade com tanta rapidez que começou a compreender a vontade de eternidade dos humanos e do ávido assassino desejo por ter a melhor vida e o maior dos prazeres. Compreendeu a sede sanguinária de reunir posses, de embriagar-se e experimentar a luxúria. Entendeu, finalmente, o sentimento da morte e a dúvida do destino. Mas o coitado do Hefesto,

agora, também era parte do jogo: não cabia a ele a roda da fortuna e muito menos o elixir da juventude, que, aliás, era coisa do Hades.

Hefesto se afastou das águas translúcidas e quis apenas viver cada dia. Não procurava mais fabricar ou inventar necessidades. Suas ferramentas encheram-se de ferrugem. Simplesmente, queria contemplar as coisas existentes, estar ali sem mais esforços. Hefesto, que decidiu viver entre os humanos, perdera a dádiva da imortalidade. Mas, ao contrário do que supunha algum leitor destas letras, ele estava feliz com isso, porque, finalmente, beberia do *Lettes* e, então, poderia descansar em alguma relva do Hades. Sim, porque, ao decidir abandonar os etéreos, ganhou a maldição para si, a brevidade da vida. Hefesto, então, pede a morte como refrigério, vaga em pensamento sobre a paz e seu clamor é ouvido: deita-se contemplando a sua velha bigorna e uma cortina de pano rasgado e, serenamente, silencia. Hefesto decidiu entender a vida real, o pulsar do sangue, a dor da carne e o sofrimento humano. Vagando por aí, a alma do velho metalúrgico aparece de vez em quando e o ranger de ferro acontece: eu consigo ouvir e sentir o cheiro de ferrugem. O velho Hefesto está por aí e nos dá uma grande lição: que a vida humana, embora seja breve, é o sonho dos deuses porque é justamente por sua efemeridade que se torna tão magnífica.





APRESENTAMOS O POEMA
FLUTUAR NO AMOR

Por Marinalva Mabel Camargo Moura

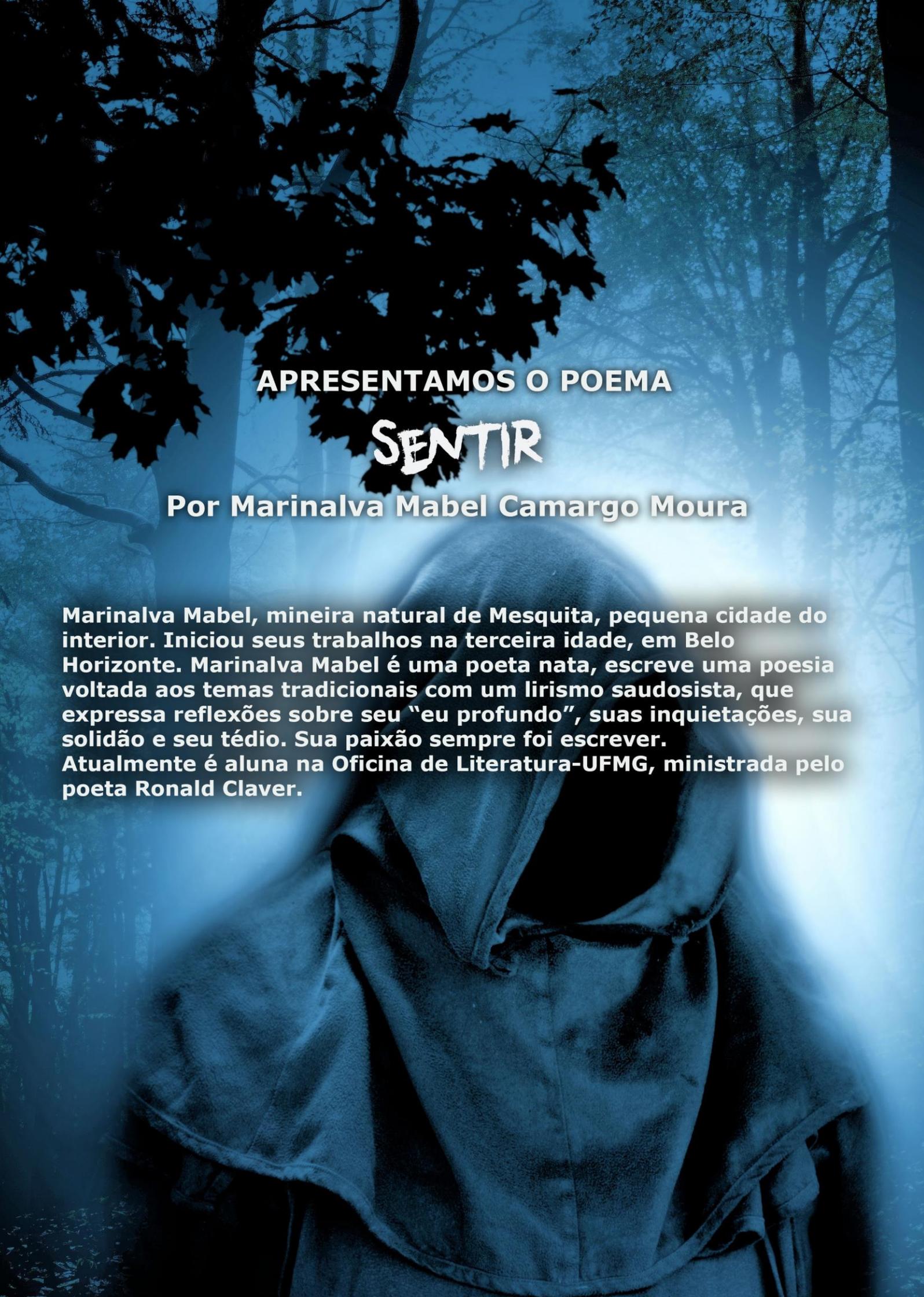
Marinalva Mabel, mineira natural de Mesquita, pequena cidade do interior. Iniciou seus trabalhos na terceira idade, em Belo Horizonte. Marinalva Mabel é uma poeta nata, escreve uma poesia voltada aos temas tradicionais com um lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu "eu profundo", suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Sua paixão sempre foi escrever. Atualmente é aluna na Oficina de Literatura-UFMG, ministrada pelo poeta Ronald Claver.

Pela luz dos teus olhos
Te amei
Olhei como os olhos de uma serpente
Queria abraçar te
E tu me olhaste sem dizer nada
Já não me encontrarei com teu olhar
E digo adeus.

Olhei para você fixamente por instantes
E foi perfeito o olhar
Senti-me uma rainha
Não sabia onde olhar
Perguntei em teu olhar
Tu me vêes como acho que eu sou

Só preciso amar
Esbarro em teu corpo
Quando meu olhar
Encontra o teu
Eu quero a luz dos teus olhos
Estou na escuridão e eles me incendeiam
Imagino a onda do mar
E não consigo te ver
Sou feliz ao teu lado
Sem sequer te enxergar
O tempo flui sem doer
E te vejo no olhar



A blue-tinted photograph of a person wearing a hooded jacket, standing in a forest. The person's face is obscured by the hood. The background shows trees and foliage, with a bright light source creating a lens flare effect on the right side of the image.

APRESENTAMOS O POEMA

SENTIR

Por Marinalva Mabel Camargo Moura

Marinalva Mabel, mineira natural de Mesquita, pequena cidade do interior. Iniciou seus trabalhos na terceira idade, em Belo Horizonte. Marinalva Mabel é uma poeta nata, escreve uma poesia voltada aos temas tradicionais com um lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu "eu profundo", suas inquietações, sua solidão e seu tédio. Sua paixão sempre foi escrever. Atualmente é aluna na Oficina de Literatura-UFMG, ministrada pelo poeta Ronald Claver.

Escrever

Ouvir

Sentir

Apalpar

Sendo fantástico

O querer aprender

A se comunicar

Através da palavra

Da escrita

Palavras soltas

Numa conversa de bar

Sentir a emoção

Onde tudo pode

Basta você querer

Escrever

É jogar a semente

A terra fofa

A semente germina

Logo aparece

Um conto

Uma poesia

O café é a desculpa

Do encontro a realizar

Poetas tentando

O mundo das letras

A pedra no caminho

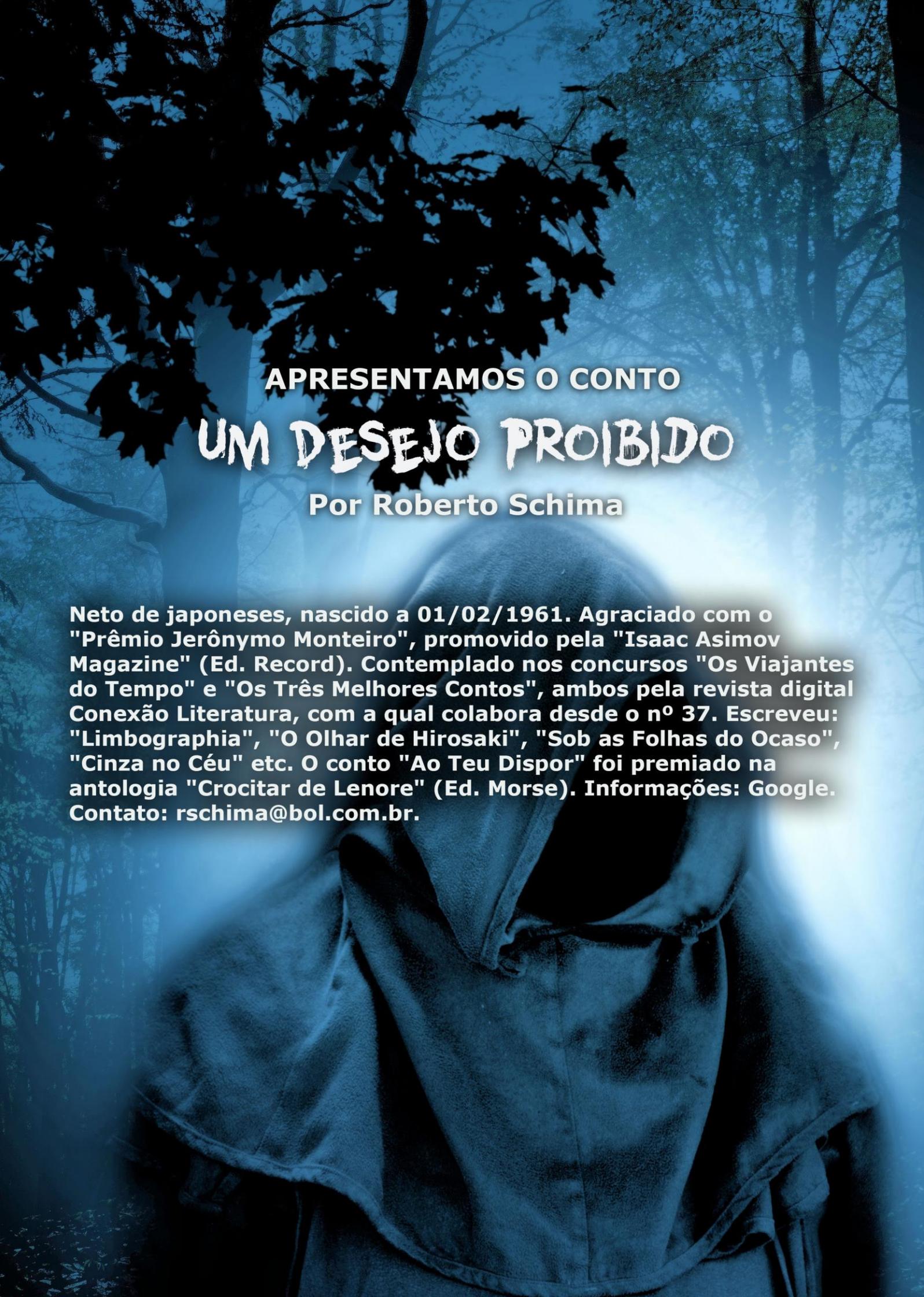
A ser retirada

Dando liberdade

Ao poeta a navegar nas palavras

Formando textos, historias e poemas a imaginar





APRESENTAMOS O CONTO
UM DESEJO PROIBIDO

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Era um pequeno roedor chamado Orbu e, ao anoitecer, emergiu da toca. — Ahhhhh! — bocejou gostoso, sentado sobre as patas traseiras e esticando as dianteiras em direção ao céu. Sentiu o odor da relva que começava a umedecer sob a friagem. — Ahhhhh!

Abriu os olhos.

O céu... Ah, o céu.

Ele era somente um garoto, um roedor que ainda não alcançara a sua adolescência. E, como tal, não sabia de muitas coisas na vida, mas de todas as grandes incertezas e as pequenas certezas de sua curta existência, uma permanecera inalterada em seu jovem espírito desde que se lembrava por gente, ou melhor, por roedor no calor de seu ninho: amava as estrelas.

Foi a primeira coisa que viu na vida ao emergir, finalmente, das profundezas da terra, como se fosse a metáfora de um segundo nascimento.

Sabia que elas estavam muito, mas muito distantes no céu, pois, escondido da mãe, já se aventurara a subir no alto de uma árvore e, mesmo assim, elas continuavam tão inalcançáveis como sempre estiveram.

Sorrateiro, foi até o alto de um montículo e lá encontrou seu avô, o velho Ohlem, um roedor que já testemunhara inúmeras manhãs, algumas boas, outras nem tanto.

— Oi, vô Ohlem!

— Ah, o pequeno Orbu. Boa noite, meu neto. Sente-se aqui ao lado de um velho.

Outras crianças prefeririam correr pela campina, aproveitar a noite estrelada e brincar de caçar pirilampos ou gafanhotos. Orbu não se incomodava. O avô cuidara dele um bom tempo, quando sua mãe adoecera. Encontrava na companhia do velho uma segurança e sabedoria que em parte alguma achara.

Acomodou-se ao lado do avô e, juntos, apreciaram aqueles momentos iniciais da noite.

O céu sem luar tornava-se mais e mais rico em estrelas.

A faixa da Via Láctea dividiu a abóbada.

— Vô, o que são as estrelas?

O velho Ohlem sorriu.

— São um mistério. Certa vez, o velho Tirugo falou de suas teorias.

— O jabuti?

— Sim, Tirugo, o Sábio. Ele já era idoso quando o meu tataravô nasceu. Tirugo sabe muito, porém, até para ele as estrelas constituem-se um enigma. "As estrelas são magia", disse-me ele. E eu repasso isso a você. Elas são algum tipo de mágica, algo que os espíritos da natureza criaram para iluminar a noite, alegrar nossos olhos e fazerem a gente sonhar... Como estamos fazendo agora: sonhando acordado.

Orbu ouviu tudo, olhos grandes e negros bem abertos, voltados para o céu.

— Parecem pirilampos, mas não caem — sussurrou. — É como se estivessem presas. Será que o céu é como o teto de uma toca, vô? Uma toca bem grande, bem lá no alto, onde elas ficam grudadas?

— É possível, pequeno Orbu.

— Mas se é como uma toca, deve ter uma parede e essa parede deve chegar até o chão. Então, em algum lugar, há uma parede do céu que a gente pode tocar!

O avô virou-se, admirando o raciocínio do neto.

— Você é muito perspicaz. Devia ser aluno do velho jabuti.

O pequeno roedor balançou a cabeça negativa e veementemente.

— Não, não, vô Ohlem. Eu tenho o senhor. O senhor me ensina tudo o que eu preciso saber.

— Eu sei somente o básico que qualquer roedor precisa saber para sobreviver aqui na mata.

— É o que me basta, vô Ohlem.

— Devo discordar.

O garoto ignorou o último comentário. Ainda de olhar fixo às estrelas, disse, procurando soar filosófico:

— Eu gostaria que uma delas caísse do céu para poder conhecê-la.

Ohlem teve um sobressalto.

— Não diga isso! — gritou.

O menino assustou-se.

— O que foi, vô?

— Não diga isso — repetiu o velho roedor. — Prometa para mim, Orbu, prometa que nunca mais dirá isso. Prometa!

Sem nada compreender e ainda ressabiado, o neto concordou.

— Eu prometo... Mas, por quê?

Tentou detectar alguma brincadeira do velho, porém, não. Ohlem ficara realmente amedrontado.

O que poderia apavorar o avô?

O que as estrelas tinham a ver com isso?

Ademais, era somente um desejo bobo seu, não era?

O avô Ohlem aguardou seu coração acalmar-se. Procurou recompor-se o melhor possível, afinal, o que o garoto poderia saber? Não tinha como. Ele próprio ouvira essa história de seu avô quando, naquele mesmo local, fizera indagação semelhante, menino ainda.

— Sabe, Orbu, eu também amava as estrelas, assim como você. Aliás, sua avó vive dizendo-me isso, o quanto você se parece comigo. Na verdade, ainda amo. Elas são lindas. Porém, elas lá e nós cá.

— Qual o motivo?

— Bem, certa vez havia um menino, assim como você. E, sem consultar ninguém, ele desejou o que você acabou de dizer... Não! Não repita isso. Foi muito, muito tempo atrás. Ele queria saber, queria entender, mas certas coisas estavam reservadas somente aos espíritos da natureza. Como castigo, o sonho dele foi realizado...

— "Castigo", vô Ohlem? Como pode ser castigo um sonho realizado?

O pequeno roedor não conseguiu disfarçar o ânimo em sua voz. Todavia, o ânimo se desfez pouco a pouco diante do semblante sombrio do velho.

O avô falou:

— Foi um castigo, Orbu. Tudo o que havia no mundo daquele garoto nunca mais foi como antes.

— O que aconteceu, vô Ohlem?

Nisso, apareceram outros garotos.

— Ei, Orbu, tia Ada irá ensinar como é que se caça minhocas. Vamos lá!

— Eu... — relutou.

O avô colocou sua pata nas costas do neto.

— Vá com eles. Você precisa aprender a caçar. Estou velho demais para sair correndo por aí. Vá. Depois eu conto o resto da história.

— Promete, vô Ohlem? — perguntou o menino, um tanto frustrado.

Seus amigos aguardavam, impacientes, focinhos inquietos.

— Prometo — disse o velho, por mais que detestasse prometer as coisas. — Prometo.

E ficou a observar o neto partir com as outras crianças noite adentro, enquanto pirilampos brincavam na noite como se as próprias estrelas tivessem descido do céu.

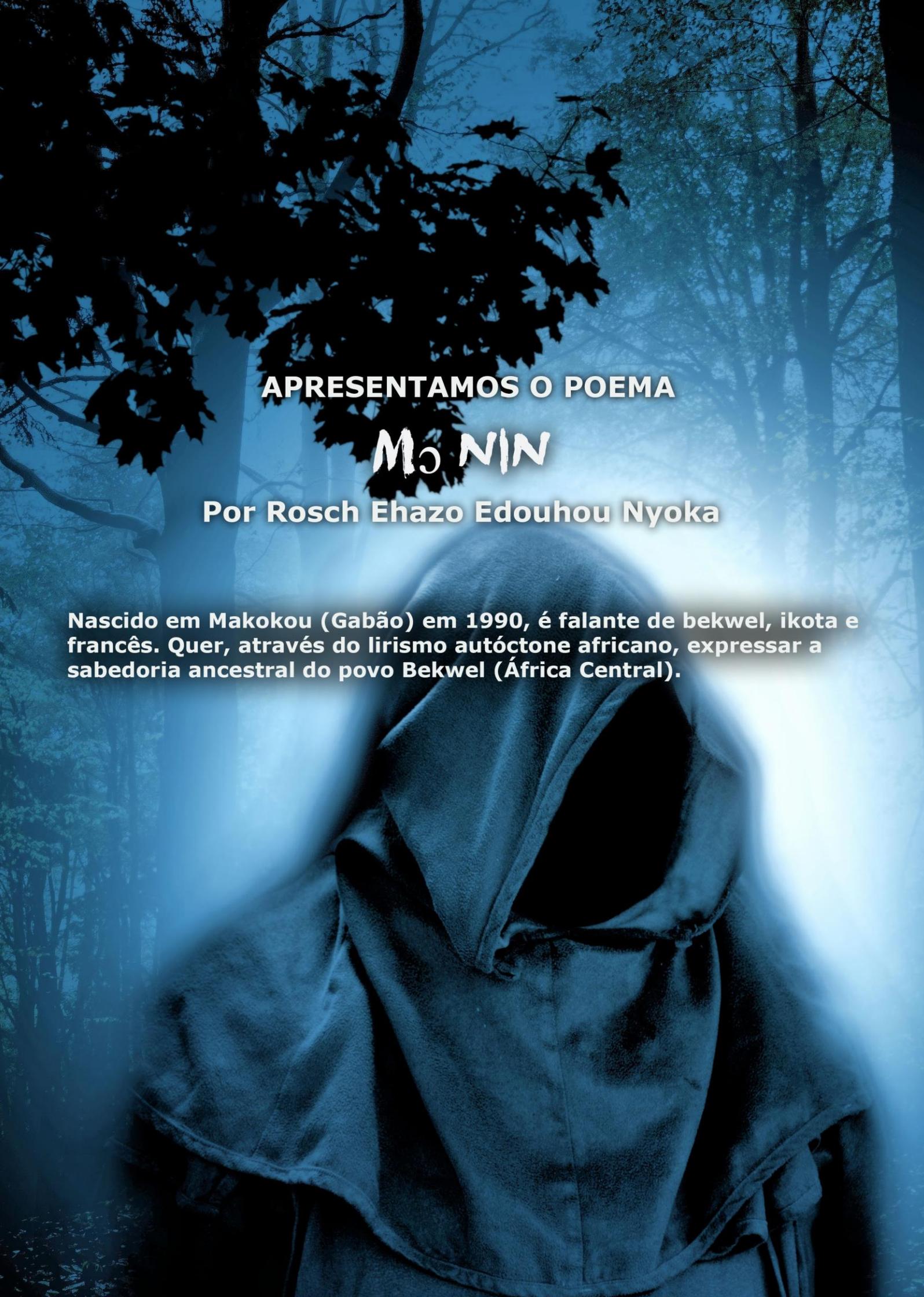
Esse pensamento fê-lo sentir calafrio.

Então, um Ohlem muito cansado, lembrou a história passada por seu avô que, por sua vez, escutara de outro ancestral e assim sucessivamente numa infindável cadeia de tempo. Embora tivesse prometido, perguntou-se se deveria realmente contar a Orbu o que sabia, falar a ele sobre o outro menino de eras passadas, um pequeno dinossauro, cujo sonho de que uma estrela caísse fora realizado em uma quente noite de verão. E isso representara o fim de todo o mundo que ele e seus semelhantes conheceram.

— Devo destruir o sonho do pequeno Orbu, como o meu avô destruiu o meu? — perguntou-se.

Coçou os pelos rijos de suas costas, levantou-se e retornou para a própria toca a fim de procurar na companhia da esposa as palavras e pensamentos sábios que ora lhe faltavam.





APRESENTAMOS O POEMA

Mo NIN

Por Rosch Ehazo Edouhou Nyoka

Nascido em Makokou (Gabão) em 1990, é falante de bekwel, ikota e francês. Quer, através do lirismo autóctone africano, expressar a sabedoria ancestral do povo Bekwel (África Central).

Mɔ nin

Wɔ kwyɛl ɛgu met ika nɛ Mɛkok ɔ
Djia iya
Dwoob ɛ Mɛkana
Nɛ Bɛdhen nɛk
Yɛ ɛ muma wɔ kwa ɛ nɛ ɛba
Wɔ nii di nɛ mis nɛ mɛbhap ɛ Bhyel
Mis, wɔ nii bee mus nɛ koko
Mɛbhap, wɔ nii pilal kɔ Ndjɛpum
Keera, lɛɛa, dhaa
Dɔɔ wii tak wɔ ɛ mɔ mut

Petit oiseau

Si tu veux savoir le secret des plantes et des Pierres
Demande à grand-mère
Ce livre de Philosophie
Et de Lettres
Est la femme qu'il te faut dans la vie
Pour avoir la vision et les ailes de l'Aigle
La vision pour voir le présent et le passé
Les ailes pour voler au-dessus du Piège de la Nuit
Va, dis, viens
Toi aussi tu es humain

Passarinho

Se quiser saber o segredo das plantas e Pedras

Pergunte para a vovozinha

Esse livro de Filosofia

E de Letras

É a mulher que precisa na sua vida

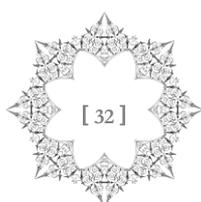
Para ter olhos e asas d'Águia

Olhos para ver o presente e o passado

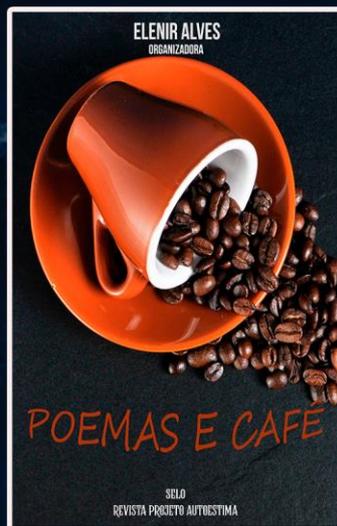
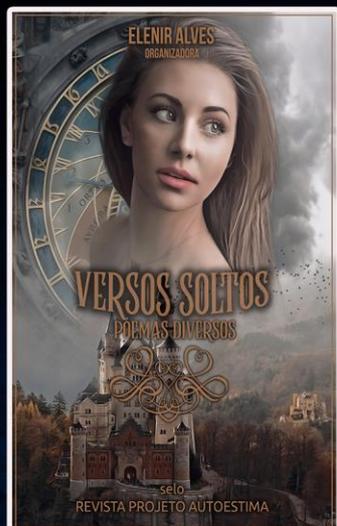
Asas para voar acima da Armadilha Noturna

Vá, diga, venha

Você também é humano



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI